

## *Apresentação*

Nos Estados Unidos, desde a década de 1970, observa o editor da prestigiosa Harvard University Press, Lindsay Waters, instalou-se uma “crise da produção acadêmica” devido à insistência em se “considerar a produção editorial universitária apenas pelo aspecto quantitativo”. Tal sistema, adverte Waters, ignora que a “espontaneidade é essencial para o funcionamento de nossas capacidades intelectuais” e que “a vida acadêmica é um chamado, não um emprego”, ao contrário do que pensam as instâncias administrativas que defendem a máxima: “evite a avaliação e estragará o professor.”<sup>1</sup> E como a forma de avaliação encontrada foi a de “quantificar as humanidades” através de sua produção editorial: “Estamos experimentando uma crise generalizada das avaliações, que resulta de expectativas não razoáveis sobre quantos textos um estudioso deve publicar.”<sup>2</sup> Ao analisar esse campo minado que é a questão da “insistência na produtividade” editorial como *a* forma de avaliação das Humanidades, o autor destaca como essa lógica ignora a aprendizagem como o primeiro valor da Educação e distorce a missão do professor alterando a própria perspectiva da relação professor-aluno:

Abandonamos a aprendizagem como um valor em si em nome da busca por credenciais. Essa mudança de valores foi dura para a educação que, para ser atrativa, deve seduzir pessoas que não sabem o que as instituições educacionais têm a oferecer, mas esperam que, ao se lançarem no processo educativo, vão transformar aspectos delas mesmas. Cada vez mais os educadores demonizam a falta de conhecimento. Isso é muito desanimador para quem vem de um lar no qual o aprendizado

pelos livros não é um valor muito alto. Muito estranhamente, há pouquíssima romantização do papel do estudante – e nada daquela atitude de “Vinde a mim as criancinhas” [...]³

*Enemies of promise*, título original da obra de Waters, é uma dura crítica ao sistema universitário norte-americano e a todos os seus envolvidos, professores e administradores, que, voluntária ou involuntariamente, contribuem para a banalização da superprodutividade editorial em detrimento do sentido da existência mesma das Ciências Humanas no mundo moderno. Isso porque a lógica da produtividade editorial, além de ignorar os valores básicos da Educação, despreza as complexas relações entre produção-recepção de uma obra, produtividade-superficialidade, oralidade-escrita, erudição-silêncio:

Do modo como acadêmicos do porte de Anthony Grafton, Elisabeth Eisenstein e Marshal McLuhan nos ajudaram a fazer, temos de perguntar qual é a relação entre pensamento, erudição e publicação. Por que presumimos – sim, presumimos – que haja uma correlação entre a loquacidade e o exercício da inteligência que convém a um professor?

Acho necessário ponderar sobre a relação entre erudição e silêncio. É possível ser um grande pensador e não publicar nada. Heidegger apontou que Sócrates “não escreveu nada”. [...] Muito mais importante que notar a contradição entre o desconforto de Sócrates com a escrita, e o fato de que ele tinha um escriba de alto nível em Platão, porém, é notar o caso da filosofia, como a conhecemos no Ocidente, surgida entre pessoas que sentiam agudamente a tensão entre falar e escrever. Essa é a linha divisória na qual o atrito entre dois diferentes modos de inteligência se revelou, justamente o que era preciso para o surgimento da filosofia.<sup>4</sup>

Na Europa, debates semelhantes têm mobilizado o mundo acadêmico, como pode-se ler em matérias publicadas em jornais de grande circulação, como o *Le Monde*, por exemplo:

La créativité en science, écrivait Perutz, comme en art, ne peut être organisée. Elle émerge spontanément du talent individuel.

Les laboratoires bien gérés peuvent la favoriser, mais l'organisation hiérarchique, d'inflexibles règles bureaucratiques et des montagnes d'inutile paperasserie peuvent la tuer. Les découvertes ne peuvent pas être planifiées, elles surgissent, comme Puck, dans des recoins inattendus.

E no caso específico da França, Tzevetan Todorov escreveu:

La recherche française en sciences humaines et sociales des années 1960 et 1970 jouissait d'une réputation exceptionnelle sur la scène internationale. Était-ce parce que ses auteurs publiaient plus souvent dans des "revues avec comité de rédaction", comme le demande en ce moment le CNRS ? Ou parce que Claude Lévi-Strauss et Louis Dumont, Emile Benveniste et Paul Bénichou, Roland Barthes et Paul Ricoeur ont écrit des livres traduits dans le monde entier, que l'on continue de lire aujourd'hui ? C'est cette spécificité de notre recherche qui détermine également l'attitude à avoir envers l'"interdisciplinarité" et la "modélisation".<sup>5</sup>

As experiências europeia e norte-americana nos sugerem cautela. Nas últimas décadas, o ritmo imposto à produção intelectual dos professores universitários brasileiros transformou-se, paulatinamente, em uma sorte de fordismo intelectual. Devido ao modelo adotado pelo sistema universitário, determinado pelas regras fixadas pelas agências de amparo à pesquisa e ao ensino superior, a produção intelectual docente é analisada sob a égide da competitividade entre docentes e entre IES. Especificamente no caso dos programas de pós-graduação essa produção intelectual é registrada, contabilizada e analisada pelas referidas agências através de seus instrumentos de controle de produtividade e qualidade, em parte uma espécie de "avaliação robótica", de modo a se superar a cada "competição", como em uma "olimpíada" na qual o "sarrafo, na prova de salto, está sempre subindo", para utilizarmos a metáfora empregada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para explicar o espírito que norteia sua avaliação trienal dos programas<sup>6</sup>. Desta forma, a performance de cada docente decide sua permanência no programa, perfaz a nota final do mesmo e esta determina o *ranking*

dos programas no cenário nacional acadêmico, bem como o acesso dos mesmos aos mecanismos oferecidos pelas agências para o desenvolvimento das pós-graduações.

A produção intelectual é portanto incentivada por várias razões e objetivos, ademais do interesse intelectual do docente. Produz-se pretendendo a permanência no respectivo programa, para se alcançar uma concessão de verba para a organização ou participação em um evento científico, para se concorrer a uma bolsa de produtividade. Está assim instaurada a esperada competitividade entre colegas e entre IES. Ela supera em muito a cooperação acadêmica, que no entanto existe mas igualmente submetida ao crivo das determinações e avaliações da Capes, como previsto no item “integração e solidariedade”. O sistema Qualis para livros e revistas é outro mecanismo de avaliação quantitativa/qualitativa, tanto da produção bibliográfica docente quanto de seu veículo, revistas e/ou editoras, com forte impacto sobre os programas, posto que todos eles organizam suas publicações apoiando-se na cooperação acadêmica, mas visando a avaliação trienal.

A tendência internacional observada na área das Ciências Humanas não é, como vimos, estranha ao Brasil, ainda que a realidade das universidades brasileiras seja bastante diferente da realidade de suas homólogas norte-americanas ou européias. Em face do quadro acima, e não obstante os esforços dos programas, há que se considerar que a estrutura das universidades públicas brasileiras não corresponde absolutamente às condições requeridas para que a excelência pretendida seja conquistada ou mantida a longo prazo. A defasagem dos salários e bolsas, a insuficiência de verbas para a pesquisa, as deficiências da infra-estrutura universitária e o acúmulo de funções e tarefas estranhas à docência e à pesquisa constituem a realidade da maioria de nossas universidades públicas.

Ao assinalar a assimetria entre as exigências e as condições de trabalho nas pós-graduações públicas, não defendo o fim da Plataforma Lattes ou do Coleta Capes. Reconheço os benefícios e os avanços dessas ferramentas robóticas, proponho apenas ajustes na filosofia que as comanda. Testemunho a cada ano os efeitos colaterais

dessa política sobre alunos e (nós) professores submetidos às constantes pressões para que publiquem ou estejam atualizados com os últimos títulos da crescente massa de publicações na grande área de Humanas, e nessas ocasiões também me atormenta a opinião que um velho mestre eternizou sobre nós, brasileiros, ao falar de seus alunos da USP nos anos 1930:

Produits sélectionnés des écuries académiques, mes collègues et moi-même nous sentions souvent embarrassés: dressés à ne respecter que les idées mûres, nous nous trouvions en butte aux assauts d'étudiants d'une ignorance totale envers le passé, mais dont l'information était toujours en avance de quelques mois sur la nôtre.<sup>7</sup>

Questiono sim o fordismo intelectual que em nome da quantidade e da visibilidade das publicações docentes sacrifica a reflexão, a originalidade, o sentido, a profundidade e o lastro das publicações científicas. Questiono o fato dos instrumentos de avaliação pretenderem normatizar a criatividade dos cientistas sociais. Questiono a escolha de se apostar que da competitividade entre colegas e da quantidade das publicações advirá a excelência dos programas de pós-graduação.

E por que escrever essas linhas na apresentação de um número desta revista? Em primeiro lugar, porque esta é uma revista de um programa de pós-graduação de uma universidade pública cuja existência se deve às verbas públicas recebidas. Cada publicação da revista espelha o empenho do Programa de Pós-Graduação em História da UERJ em renovar e ampliar a cooperação acadêmica, mas também seu compromisso na gestão das verbas conquistadas através de avaliações sucessivamente positivas, através de projetos aprovados por mérito pelas agências de amparo às pós-graduações. Processo resultante de um esforço coletivo considerável, ao longo de vários anos. Em segundo lugar, porque me parece ser esta uma ocasião apropriada para publicamente ponderar sobre as questões aqui levantadas e que estão sendo discutidas regularmente nos departamentos e nos programas de pós-graduação. Não creio que os órgãos científicos de avaliação desejem assumir modelos panópticos

de funcionamento, e acredito na nossa disposição para aprimorar a qualidade do ensino e da pesquisa no país. Nesse sentido, os artigos aqui publicados são um ótimo exemplo de coerência e qualidade da produção intelectual de seus autores, e, *à la fois*, do empenho dos organizadores de cada número da *Maracanan* em afirmar, através dos artigos publicados, o sentido e a validade da revista.

Às vésperas das comemorações do bicentenário da chegada da imprensa no Brasil, em 2008, o dossiê deste número apresenta três artigos que analisam aspectos e temporalidades da imprensa periódica no país. No primeiro deles, *O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais*, Marco Morel situa o leitor em relação aos principais estudos realizados no Século XIX, todos marcados pela obsessão positivista dos inventários e das narrativas meramente cronológicas, que no século seguinte foram gradativamente substituídas por estudos analíticos com abordagens cada vez mais amplas e nas quais a imprensa periódica é compreendida “como um dos mecanismos de participação política, com sua própria especificidade e ritmos”. O leitor é assim introduzido ao atual estágio historiográfico que conjuga as análises sobre a temática em foco com os estudos mais recentes produzidos pela História Cultural e pela História Política, triangulação que possibilita novas interpretações sobre o papel da imprensa na sociedade oitocentista e sobre a fascinante idéia da circularidade “na qual a imprensa se inseria, marcava e, ao mesmo tempo, era marcada pelas expressões não escritas”.

Silvia Carla Pereira de Brito Fonseca, em *História e Memória: os relatos da Confederação do Equador (1824-1924)*, examina as diferentes interpretações acerca da Confederação do Equador em um século de história. Através da exposição de um breve inventário de relatos sobre o malogrado confronto, a autora empreende uma análise que destaca a “conformação do passado às injunções do presente” em diferentes e significativos momentos entre 1824 e 1924. Documentos produzidos pela administração do Estado, relatos manuscritos dos envolvidos no confronto, discursos, conferências e artigos publicados pela imprensa periódica servem para revelar as diferentes *Confederações do Equador*, segundo os desafios e as lutas políticas de cada época e de cada grupo político.

O terceiro e último artigo deste dossiê, *Palavras e Imagens que fazem sonhar: imprensa libertária e representações da revolução social (A plebe – 1919)*, apresenta um estudo de caso acerca dos usos e funções da imagem pela imprensa. Através de cuidadosa pesquisa sobre o semanário *A Plebe*, considerado uma das mais influentes publicações anarquistas do início do século passado, Angela Maria Roberti Martins aborda a evolução da imagem em linguagem visual a serviço da difusão da ideologia anarquista e da propaganda dos princípios libertários, em geral, e da revolução social, em particular.

Já os demais artigos deste número da revista transitam por diferentes domínios da História, oferecendo ao leitor uma rica paleta de temas e abordagens. Em *A pobreza pertinho do céu: moradia e alimentação dos pobres no Rio de Janeiro (1850-1889)*, Almir Chaiban El-Kareh nos recorda como no Século XIX a pobreza torna-se um fenômeno urbano com vítimas fornecidas tanto pelos êxodos rurais regulares quanto pelos “exércitos de desempregados” típicos das economias capitalistas. A partir de relatórios do Chefe de Polícia e do Presidente da Junta Central de Higiene Pública do Império, e de notícias de jornais da época, o autor construiu um texto que surpreende a qualquer um que tenha lido *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, de Frederich Engels, cuja primeira publicação data de 1845, pela similitude das dramáticas condições materiais de vida da população urbana “pobre” de cidades tão diferentes quanto Londres e Rio de Janeiro, e pelas desigualdades sociais que beneficiam tanto os “ricos” ingleses quanto os “ricos” brasileiros. Estrangeiros e brasileiros, adultos e crianças, homens e mulheres, desempregados e desocupados, todos formam a “pobreza” que a sociedade imperial considera um “mal a combater, aliviar, vigiar, regulamentar, enquadrar”.

Em *Marxismo e religião: questões preliminares*, Edgard Ferreira Leite Neto analisa o papel da crítica da metafísica e da religião no pensamento ocidental a partir do Século XVI para se deter com mais vagar no pensamento de Marx e Lukács. A função da religião e a herança intelectual do ceticismo na história do pensamento ocidental, assim como a constituição de um sistema teórico holístico, são alguns dos aspectos privilegiados nessa abordagem que transita pelas obras

de Baumer e Godelier, Hegel e Paton, Feurbach e Freud, para oferecer ao leitor uma reflexão sobre a trajetória da religião e do ceticismo na constituição de uma teoria das Ciências Sociais.

Nossos colegas estrangeiros comparecem aqui com os três últimos artigos deste número da Maracanan. Com temas e abordagens tão distintos - da História Cultural às Relações Internacionais - o laço que os une é a História e a passagem desses pesquisadores pelo nosso Programa. Reconhecidos especialistas da História Social da Medicina, Jean-Pierre Goubert e Remi Rémondière assinam *Le Champagne et la santé en France (XVIII<sup>ème</sup> – XXI<sup>ème</sup> siècles)*, texto que apresenta o leitor à história desse vinho tipicamente francês e que desde sua origem encontra-se associado a comemorações, festas, refinamento e luxo. Não bastassem tais atributos, destacam os autores, o champanhe passou também a ser reputado por suas propriedades terapêuticas – segundo os dogmas da medicina humoral ou hipocrática dominante até o Século XVII – porém reservada a uma elite privilegiada devido ao alto custo do chamado “vinho dos reis”.

Segue-se o artigo de Rogelio de La Mora, que tem por título *Aproximación a la Revolución Mexicana en Brasil: de Cuauthémoc a Xochipilli*, no qual o autor discute as diferentes interpretações da Revolução Mexicana por parte dos intelectuais brasileiros no período que se estende de 1922 a 1935. Com esse propósito, de La Mora recria o ambiente intelectual do Rio de Janeiro, nas décadas de 20 e 30, para analisar os discursos gerados pela elite intelectual, dando destaque ao pensamento conservador, em especial aquele expresso pela revista *A Ordem* e pelo Centro Dom Vital.

*Geopolítica y orden global: posibilidades para un nuevo meridionalismo*, de Dejan Mihailovic, analisa a importância do estudo da Geopolítica para as relações internacionais, mas sob a perspectiva da política internacional. Para tanto, o autor examina o desenvolvimento da disciplina como “um discurso legitimador da expansão imperial refletido como uma nova forma de interpretar o espaço global e a política internacional” para concluir que atualmente assistimos a um inédito “novo meridionalismo”, realidade que possui elementos ideológicos, culturais e civilizacionais diferenciados mas unidos pelo

propósito de limitar “os poderes tradicionais dos blocos regionais hegemônicos”, sendo o G-20 o exemplo incontestado desta nova realidade geopolítica.

Por fim, caro leitor, devo dizer que ao aceitar fazer esta apresentação da revista *Maracanan* não imaginava ir tão longe em minhas digressões. Fiz uma “pausa” em meu fordismo intelectual (será ?) ao ler os artigos aqui publicados e isso me levou às reflexões acima formuladas – e também a lamentar que essas pausas sejam cada vez mais raras e por conseguinte me privem de descobertas e aventuras possíveis apenas quando nos sobra tempo para *flâner* além dos nossos pequenos domínios. Encontrei temas tão instigantes quanto distantes daqueles que constituem minhas leituras quotidianas e li com prazer as abordagens competentes sobre assuntos tão diversos. Foram horas de trabalho instrutivas, de estudo e reflexão, não de produção, as quais agradeço aos meus colegas, colaboradores deste número da revista *Maracanan*. Agradeço ainda a Alexandre Belmonte, doutorando deste Programa, que com generosidade dedicou uma parte de seu tempo para traduzir alguns dos resumos dos artigos aqui constantes, e a Erika Coachman, que com competência e elegância verteu para o inglês outros tantos.

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2006

**Mônica Leite Lessa**

Coordenadora Geral do Programa de Pós-Graduação em História

### *Notas e Referências:*

1 WATERS, Lindsay. *Inimigos da esperança*. Publicar, perecer e o eclipse da erudição. [Trad.]. São Paulo: Editora Unesp, 2006, pp. 52, 18 e 20.

2 Idem, *Ibidem.*, p. 25.

3 Idem, *Ibidem*, pp. 81 e 82.

4 Idem, *Ibidem*, pp. 83 e 84.

5 Palavras de Max Perutz, Prêmio Nobel de Química em 1962, e ex-diretor do Laboratório de Biologia Molecular de Cambridge, instituição que já conquistou oito

Prêmios Nobel. Apud Tzevetan Todorov. *Sciences humaines : une mauvaise politique*. Paris: Le Monde, 08/10/2002.

6 Conferir o texto “Avaliação Trienal 2004-2006”: <http://www.capes.gov.br/servicos/salaimprensa/artigoavaliacaotrienal.html>.

7 LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Tropiques*. Paris: Plon, [1ª. edição 1955], 1986, pp. 115-116. Lévi-Strauss lecionou em São Paulo entre 1935-1938.